

“LIVROS DIDÁTICOS EM DIMENSÕES MATERIAIS E SIMBÓLICAS”

Profa. Dra. Antonia Terra de Calazans Fernandes

Apresentamos algumas reflexões decorrentes da pesquisa “Memórias do livro didático”, que envolve estudos históricos que entrecruzam: 1) o “tema” - o *livro didático* e os estudos já produzidos sobre ele; e 2) o “tipo de documento” selecionado prioritariamente como fonte - *depoimentos orais*, colhidos, transcritos e analisados a partir de procedimentos metodológicos da História Oral.¹

Muitas das informações sobre os manuais didáticos, seus autores, títulos e editoras podem ser pesquisados em outras fontes documentais sem serem em memórias e relatos de estudantes e professores. Do mesmo modo, a literatura e a documentação oficial também registram métodos e usos desses materiais no interior da escola. Os próprios manuais, quando analisados, são indícios das políticas públicas, de concepções pedagógicas, das possibilidades editoriais ou de seus compromissos sociais. Por que, então, desenvolver pesquisas sobre livros didáticos através da coleta de depoimentos orais?

Em primeiro lugar, o trabalho com lembranças vai além de informações pontuais, quantitativas e numéricas. Coletar dados sobre o número de exemplares publicados e distribuídos por uma editora, é diferente do significado que um único livro, ou uma imagem em especial, pode ter desempenhado na vida particular de um estudante. É diferente porque os números não dão conta de contar como os elementos internos aos manuais instigaram a imaginação de uma criança, organizaram seus valores, ou como representaram o papel de consolidar uma formação específica (escolar e letrada), impregnada de identidades individuais, familiares e sociais, e desencadeadora de vivências profissionais posteriores. As informações gerais dos compêndios nada revelam dos sentidos que adquiriram para aqueles que os julgavam pouco informativo frente às enciclopédias ou que os manusearam em sala de aula, no caminho de casa, nos estudos de grupo ou nas escolinhas de bairro voltadas para reforço escolar.

Por mais que um livro imponha para todos, igualmente, seus textos, seu formato, sua materialidade, seus usuários são sempre rebeldes da perspectiva leitura. Os repertórios, os artifícios, os sentidos que fazem mão no processo de interação, acabam subvertendo a ordem planejada pelos autores, editores² ou mesmo pelas orientações dadas pelo professor no trabalho escolar. Seu formato acabado, suas seqüências ordenadas também não impedem que professores os desmontem, extraiam partes, recortem ou reformulem sua proposta.

Como na leitura, o livro também ganha sua particularidade na memória, tem seu uso e seu significado revitalizado, tem sua materialidade, seus textos, suas imagens, seus exercícios estendidos em recordações de vivências, de experiências acumuladas, e contam como esses elementos intrínsecos a ele se projetam como mediadores de relações sociais estabelecidas no cotidiano da escola, da casa e da rua. Na memória, fica evidente que eles extrapolam suas funções educacionais específicas, e ganham a qualidade de objeto e de suporte de outras memórias e modeladores de outros cotidianos.

É dessa perspectiva que a pesquisa sobre a memória do livro didático revela sua contribuição para ampliar estudos sobre o tema. Circe Bittencourt sintetiza, por exemplo, a diversidade de abordagens nesse campo:

Os balanços bibliográficos mostram que houve uma tendência, iniciada na década de 1960, de se analisarem os conteúdos dos livros escolares privilegiando a denúncia do caráter ideológico dos textos. Tal abordagem ocupava e ainda ocupa um lugar de destaque nas pesquisas nacionais e de vários outros países, cujo enfoque sobre as ideologias subjacentes aos manuais permanece. Mas, nos últimos anos há mudanças de abordagens (...). Paralelamente às análises sobre os conteúdos, foram sendo acrescentadas outras temáticas, notadamente as relações entre as políticas públicas e a produção didática, evidenciando o papel do Estado nas normatizações e controle da produção.

A partir dos anos 1980, muitos dos problemas relacionados ao conteúdo ou ao processo de produção e uso do livro didático por professores e alunos passaram

*a ser analisados em uma perspectiva histórica (...). Os objetivos centrais de tais análises são o de situar o processo de mudanças e permanências do livro didático – tanto como objeto cultural fabricado quanto pelo seu conteúdo e prática pedagógica (...).*³

No caso da pesquisa em questão, o entrecruzamento entre “tema” e “fonte” decorre da escolha específica de um objeto de investigação: as dimensões possíveis da presença do livro didático na “memória” de alunos e professores, expressas através de depoimentos coletados especialmente para esse fim, considerando uma baliza temporal (1940 – 1970) e a diversidade social e de origem geográfica dos depoentes.

O objeto de investigação desencadeia problemas que dizem respeito à questão da “memória”, implicando em estudos interdisciplinares que contribuem para compreendê-la e analisá-la nas suas manifestações. Da perspectiva da História, a relação entre “memória” e “história” suscita questões específicas.

*(...) penso que parte de nosso desafio é o fato de que realmente encaramos a memória não apenas como preservação da informação, mas também como sinal de luta e como processo em andamento. Encaramos a memória como um fato da história; memória não apenas como um lugar onde você recorda a história, mas a memória como história.*⁴

A pesquisa tem por principal objetivo identificar o que lembram os usuários dos livros didáticos (alunos e professores), quando deles faziam uso, no passado, na escola. Por princípio, a idéia tem sido ampliar a compreensão das diferentes dimensões de complexidade e inserção do livro didático na vida social e educacional brasileira, através do que recordam dele, e relatam sobre ele, através de depoimentos orais. Do balanço bibliográfico existente, nenhuma outra pesquisa até o momento envolveu-se com a investigação de quais são as possíveis e diversas amplitudes que esses materiais disseminaram na memória de estudantes e professores, e suas relações com as dimensões sociais.

Num primeiro momento, a atenção voltou-se para leituras bibliográficas que possibilitassem a compreensão da especificidade do livro, e em especial do didático, e sua história, para delinear temas dos possíveis nas recordações. Assim, foram elencadas particularidades do livro escolar, como: objeto material (tamanho, cor, formato, tipo de papel, tipo de capa,...)⁵; portador de conteúdo (textos, imagens, mapas, exercícios, idéias...)⁶; objeto de uso (na escola, fora dela...)⁷; produto editorial (autor, editora,...)⁸; elemento de relações escolares; objeto de valor e de significados pessoais e sociais; objeto de mudança histórica⁹.

A intenção inicial foi identificar nas recordações os temas nelas centrados. As questões dirigidas aos entrevistados foram organizadas para permitir que cada um falasse livremente sobre suas lembranças, para depois as questões aprofundarem elementos relativos às suas particularidades materiais, editoriais, usos, valores etc..

No processo de desenvolvimento do trabalho, foi realizada uma entrevista piloto. Para selecionar o entrevistado, foi considerada a história do livro didático no Brasil, que orientou algumas decisões. Por exemplo, algumas editoras e autores predominaram na produção didática nacional. Desse dado, a escolha foi orientada para depoentes procedentes de diferentes regiões do país, com o objetivo de confrontar a recorrência a autores e editoras com inserção nacional e identificar obras regionais difíceis de serem localizadas. Ao mesmo tempo, foi escolhida uma baliza de tempo, considerando a idade dos depoentes e a possibilidade de entrevistá-los. Nesse caso, o primeiro recorte temporal abrangia alunos e professores na escola nas décadas de 1940 e 1950.

O primeiro entrevistado foi uma pessoa do Rio Grande do Norte e nascida em 1929. E, de seu depoimento, foi possível identificar recordações das materialidades dos livros, autores nacionais e locais, editoras, nomes das disciplinas, modos como eram utilizados por professor e alunos, imagens e mapas, como teve o acesso a eles, e, também, contextos escolares importantes para o dimensionamento do papel que assumiam no processo de escolaridade.

A primeira entrevista foi animadora. Apesar de teoricamente acreditarmos na existência dessas lembranças, ao mesmo tempo existia a preocupação com o valor negativo atribuído aos manuais pelos estudos acadêmicos. Mas, a memória do primeiro depoente valorizava detalhes, recordava vivências e atribuía importância aos livros.

Com as balizas de tempo e espaço definidas e também questões orientadoras, escolhemos um segundo entrevistado nascido na década de 1930. Nesse caso, porém, as lembranças dos livros eram vagas, apesar do relato de algumas vivências escolares. Nossa hipótese: havia interferência da idade.

Optamos, na seqüência, por entrevistar pessoas com escolaridades posteriores. Escolhemos dois entrevistados que estudaram na década de 1960: um do interior da Bahia e outro do Rio Grande do Sul. Desse trabalho, mudamos nossas conclusões: não era a idade o principal fator de interferência na profusão ou não da memória, mas a escolaridade. Nessa linha, por exemplo, era possível explicar a primeira entrevista, recheada de relatos e recordações dos livros.

As entrevistas foram gravadas em fitas e transcritas para textos, respeitando as construções da oralidade. As análises foram realizadas prioritariamente sobre os textos, sem a perda das impressões vividas junto aos entrevistados no momento dos depoimentos. Um dos trabalhos exigidos foi a conferência dos dados, muitas vezes parciais, sobre títulos e autores. Dos depoimentos foram elencados temas presentes nas lembranças, demonstrando como a memória é seletiva e associativa, emergindo, junto com os livros, vivências escolares e sociais.

Do levantamento dos temas presentes nos depoimentos foi possível identificar algumas questões comuns e recorrentes e também questões específicas a certos depoimentos. Algumas recorrências têm sido: títulos, conteúdos, imagens, disciplinas escolares, modos como eram utilizados, algumas características materiais, algumas imagens das capas, o valor atribuído ao livro pelo professor e o valor atribuído pelo depoente. O cruzamento dos títulos, por exemplo, tem possibilitado identificar manuais com

inserção nacional, variações regionais, livros que marcam gerações e outros que são referência para constituição de identidades culturais e de grupos.

As análises das entrevistas indicam que os livros didáticos têm sido valorizados por gerações e guardados em estantes ou repassados como heranças entre irmãos e familiares, moldando elos entre estudantes ao longo do tempo, ou representando rupturas de identidades entre aqueles que estudaram ou não com esse ou aquele autor, compartilharam determinados exercícios ou fixaram em suas lembranças certos conteúdos. Na memória, sua procedência revela desigualdades econômicas, políticas públicas e iniciativas solidárias de doar objetos que foram adquiridos inicialmente como mercadorias, mas que retomam ao seu valor de uso no contexto escolar.

Nas memórias aparecem as práticas de leituras, ensinadas no porte de como segurar e passar as páginas, que vão além das orientações dadas por autores dos antigos compêndios: tornaram-se práticas ensinadas às gerações subseqüentes, por professores crentes que os saberes descritos nos exercícios eram regras de como seus alunos deviam se comportar na leitura. Cenários foram fixados na memória e processos de ação pedagógica. As lembranças indicam como os livros construíram contextos escolares e sociais, que também se transformaram com o tempo.

A memória dos usuários conta ainda qual tem sido o significado atribuído aos manuais por diferentes grupos sociais, ou quais possíveis papéis tem desempenhado na construção de identidades. Certos livros, como os de Aroldo de Azevedo, publicado pela Companhia Editora Nacional ao longo de décadas, têm sido recordados e citados nominalmente por gerações sucessivas. Isso significa, por exemplo, que inúmeros adultos hoje relacionam *Geografia* ao autor de seus antigos manuais escolares; e que há elos de vivências entre os que estudaram francês no livro do Mougier ou história no livro de Borges Hermida.

Além disso, a expectativa que se tinha em relação ao valor dado ao livro escolar é superada pelos depoimentos, principalmente porque nas últimas décadas eles têm sido alvo de inúmeras críticas acadêmicas, tanto por suas tendências de modelarem currículos,

métodos e ideologias, quanto por ser uma mercadoria cada vez mais custosa no orçamento familiar e objeto de desconfiança quanto à sua qualidade. Os depoimentos revelam que os livros escolares, no seu uso pelos estudantes, extrapolam suas funções puramente educativas. Tornam-se objetos de outras recordações, de outras lembranças e um elemento, entre outros, que sustentam a construção de suas identidades individuais e suas histórias de vida.

O trabalho com depoimentos orais tem contribuído, ainda, para sinalizar a importância de estudos que aprofundem as relações entre as convergências e as divergências de produções didáticas que assumem dimensões nacionais, ou que se difundem apenas em espaços locais, sinalizando inclusive produções artesanais construídas por professores como recurso didático alternativo realizado há muitas décadas.

¹ Ver: FERNANDES, Antonia Terra de Calazans. *Livros didáticos em dimensões materiais e simbólicas*. Educação e Pesquisa. Revista da Faculdade de Educação da USP, set/dez, 2004, p. 531 – 545.

² CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. Tradução Mary del Priore. Brasília: Editora UNB, 1994, p. 7 - 27.

³ BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Em foco: História, produção e memória do livro didático*. Educação e Pesquisa. Revista da Faculdade de Educação da USP, set/dez, 2004, p. 471 – 473.

⁴ PORTELLI, Alessandro. *Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, FERNANDES, Tânia Maria & ALBERTI, Verena (orgs.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Fiocruz/ Casa Oswaldo Cruz / CPDOC, 2000, p. 69.

⁵ Ver: KATZENSTEIN, Úrsula E.. *A origem do livro – da Idade da Pedra ao advento da imprensa tipográfica no Ocidente*. São Paulo: Hucitec, 1986.

⁶ Ver: FERRO, Marc. *A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação*. São Paulo: IBASA, 1983; e BONAZZI, Marisa & ECO, Umberto. *Mentiras que parecem verdades*. São Paulo: Summus, 1980.

⁷ Ver: CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. Brasília: UNB, 1994.

⁸ Ver: MUNAKATA, Kazumi. *Produzindo livros didáticos e paradidáticos*. Tese de doutorado. São Paulo: PUC, 1997.

⁹ Ver: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. Tese de doutorado em História, FFLCH – USP – 1993.